

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: do Corpo Matéria-prima ao Corpo Cidadão*

Jocimar Daoli**

UNITERMOS: Educação Física Escolar,
Antropologia.

RESUMO: Esta pesquisa procurou analisar o trabalho escolar de professores de Educação Física, buscando compreender, no plano simbólico da cultura, a lógica que ordena o sistema de representações que eles possuem sobre o corpo, lógica esta que suporta e rege sua prática profissional. Para esta finalidade, foi utilizado um referencial metodológico antropológico, considerando os professores de Educação Física como agentes sociais que atuam sobre e através dos corpos dos seus alunos.

"A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa".
Clifford Geertz

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou analisar o trabalho escolar de professores de Educação Física, buscando compreender, no plano simbólico da cultura, a lógica que ordena o sistema de representações que eles possuem sobre o corpo, lógica esta que suporta e rege sua prática profissional. Para esta finalidade, foi utilizado um referencial metodológico antropológico que considera a experiência concreta dos sujeitos como a base para a constituição do campo das representações (Macedo, 1985). O pressuposto é o de que a experiência grupal é uma expressão sintética da cultura onde o grupo vive, cabendo ao pesquisador o mapeamento e a reconstrução do universo simbólico que sustenta a ação dos membros do grupo. Segundo Durham (1977), a noção de cultura parte do estabelecimento de uma unidade fundamental entre ação e representação, unidade que está dada em todo comportamento social, cabendo ao trabalho de pesquisa proceder ao nível da investigação do comportamento real de grupos concretos.

O objeto de pesquisa da Antropologia, nos dias de hoje, não está mais ligado a um espaço geográfico, cultural ou histórico particular (Kuper, 1978). Assim, a antropologia pode estudar também a nossa sociedade, não apenas a partir de um conjunto de aspectos exteriores e materiais, mas como provido de sentido e significação. Nesse sentido, o trabalho antropológico sempre implica no reconhecimento do papel e do lugar da subjetividade do observador. Laplantine (1988) coloca que o pesquisador não é uma testemunha objetiva observando objetos, mas um sujeito observando outros sujeitos. É nesse sentido também que Damatta (1978) pode afirmar que não seria exagero dizer que a Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa própria subjetividade.

A abordagem utilizada nesta pesquisa mostrou-se inovadora na Educação Física, principalmente por considerar a experiência profissional dos professores como uma prática cultural. Nessa ótica, os professores são considerados como atores sociais e sua prática como influenciada culturalmente. Assim, como elementos sociais que são, eles traduzem e filtram, em sua prática docente, determinados valores segundo a forma como foram educados, a forma como foram preparados profissionalmente, segundo a escola onde trabalham, etc. Ao invés de unicamente se considerar sua prática profissional como diretamente influenciada por um currículo de faculdade, ou por uma contingência salarial, ou, ainda,

* Este artigo é um resumo da Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Educação Física da USP em dezembro de 1992.

** Professor do Departamento de Educação Motora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

como dependente de uma reciclagem técnica, a abordagem utilizada neste trabalho leva em conta a prática dos professores como uma atividade eminentemente humana, que sempre envolve, segundo Macedo (1985), o esforço dos homens de construir e integrar significados que possam dar sentido à sua vida concreta.

Várias pesquisas em Educação Física têm investigado o trabalho escolar de professores, porém com finalidades e referenciais diferentes dos utilizados em nosso estudo. Estudou-se muito o currículo das faculdades que preparam estes professores, concluindo-se, de maneira geral, que as disciplinas técnico-esportivas são predominantes, levando estes profissionais a uma falta de embasamento teórico, falta essa que impediria a transformação de sua prática. Várias pesquisas constataram a ênfase curricular de disciplinas da área biológica e o número insignificante de disciplinas da área de humanas (Carmo, 1982; Gallardo, 1988). Algumas pesquisas investigaram o nível de consciência política dos professores, concluindo que sua prática reproduz valores vigentes da sociedade capitalista (Coutinho, 1988; Ferreira, 1984). Um outro grupo de pesquisas investigou os determinantes históricos que influenciaram a prática escolar de Educação Física ao longo dos anos no Brasil (Betti, 1991; Castellani Filho, 1988; Soares, 1990). Outras pesquisas procuraram, ao analisar as competências didáticas necessárias ao professor de Educação Física, traçar o seu perfil ideal (Faria, 1985; Santos, 1984). Algumas pesquisas analisaram especificamente o trabalho pedagógico dos professores (Cavallaro, 1990; Moreira, 1990; Pires, 1990). Outras, ainda, se preocuparam com os procedimentos de avaliação adotados pelos professores de Educação Física em suas aulas (Figueiredo, 1988).

Sem tirar o mérito destes estudos, consideramos que nenhuma pesquisa em Educação Física olhou para um grupo de professores se propondo a ver neles, na interação entre ação — o que fazem — e representação — como justificam o que fazem —, a síntese de toda uma experiência de vida. Por que os professores de Educação Física fazem parte de uma cultura, trabalham num determinado cenário, utilizando determinados conteúdos e seguindo determinadas regras, crenças, valores, certezas, etc. Tudo isso possui raízes na própria dinâmica da vida social, inclusive a forma como estes professores definem corpo e a forma como vêem e localizam a Educação Física no contexto escolar.

A PESQUISA PROPRIAMENTE DITA

Foram entrevistados professores de Educação Física da rede pública estadual de São Paulo, atuantes no ensino de primeiro grau. A opção pela rede pública de-

veu-se ao fato dos professores serem instados a seguir uma diretriz programática única. Mesmo considerando as diferenças entre escolas e entre professores, buscou-se um elemento de uniformidade no grupo, uma vez que a diretriz curricular, pelo menos na sua origem, é a mesma, o que poderia não ocorrer se fossem reunidos professores de escolas públicas e privadas.

A fim de se garantir uma certa referência comum ao grupo, foram escolhidos professores de uma única Delegacia de Ensino, já que os procedimentos sugeridos pela Secretaria de Educação chegariam às escolas de forma semelhante. Foi escolhida a 14ª Delegacia de Ensino, que congrega escolas do município de São Paulo localizadas nos bairros de Moema, Indianópolis, Brooklin e Butantã.

Foram entrevistados 20 professores, sendo dez do sexo masculino e dez do sexo feminino, com idades variando entre 24 e 47 anos, formados em faculdades de Educação Física do Estado de São Paulo, nas décadas de 70 e 80. A única exceção foi uma professora de 51 anos, formada na década de 60, no Espírito Santo, já aposentada e que voltou a dar aulas.

A escolha de dez professores de cada sexo deveu-se por imaginarmos que os professores ministravam aulas para os meninos e as professoras para as meninas, e que haveria diferença entre a Educação Física de um e de outro grupo. Como encontramos professores e professoras, aleatoriamente, com turmas masculinas, femininas ou mistas, percebemos não serem significativas eventuais preferências dos professores em termos de sexo dos alunos. A partir da nossa observação, verificamos a tendência das aulas de Educação Física fazerem parte do horário regular da escola, fato que faz com que as turmas sejam mistas, a despeito da preferência dos professores.

Os professores, no início de cada entrevista, foram solicitados a falar de sua infância e das atividades corporais que realizavam quando crianças. A intenção era a de que os professores relatassem atividades infantis que se relacionassem não só com a escolha vocacional que eles viriam a realizar, mas com a própria prática profissional futura.

Os professores falaram, com entusiasmo, de brincadeiras e jogos em praças do interior, sítios, chácaras, quintais e na rua. Falaram de uma época em que era possível brincar de forma livre. Enfim, falaram de uma atividade natural. Quando se referiam ao próprio corpo infantil, falavam de movimentos livres, sem técnica, do prazer de um corpo que brincava naturalmente. E se diferenciaram das crianças que atualmente brincam numa cidade como São Paulo, onde, segundo eles, as atividades são dirigidas, os locais de lazer são escassos e a televisão assume um papel nocivo.

Relatando sua trajetória de vida, os professores afirmaram que quando ingressaram no ginásio, o gosto pela Educação Física foi imediato. Freqüentavam as aulas, participavam de equipes representativas da escola e consideravam os professores de Educação Física como verdadeiros ídolos e até como influenciadores de sua escolha vocacional futura.

Do gosto pelas brincadeiras de rua à participação nas aulas de Educação Física, o esporte surgiu, majoritariamente, como manifestação espontânea dos professores, então adolescentes. Todos relataram uma aproximação com o esporte, quer como participantes de equipes do colégio ou da cidade, treinando e competindo, quer como praticantes do esporte informal, recreativo.

Essas atividades corporais da infância e juventude, fora e dentro da escola, contribuíram decisivamente para a escolha da Educação Física como carreira profissional. Vários professores relataram que, devido a essa infância "natural", não conseguiam visualizar um projeto de futuro em que estivessem trabalhando dentro de uma sala, num escritório, ou lidando com papéis e documentos. Optaram, então, por uma profissão que pudesse ser exercida ao ar livre, que permitisse o contato com crianças e que desse uma sensação de liberdade.

Já na faculdade, estes alunos se identificaram com o currículo, predominantemente técnico-esportivo. Não mencionaram dificuldades em acompanhar o curso, pois todos já praticavam esportes e já sabiam realizar as habilidades esportivas exigidas pelas disciplinas.

É interessante observar que todos os professores entrevistados falaram da formação esportiva, que é reproduzida atualmente nas suas aulas. A formação profissional eminentemente esportiva, ocorrida nas décadas de 70 e 80, homogeneiza o grupo, na medida em que passa a eles uma determinada visão a respeito de Educação Física e, implicitamente, uma concepção de corpo. A prática profissional do grupo é, de uma maneira ou de outra, balizada pelo esporte. Alguns professores, explicitamente, colocaram que seu objetivo é ensinar habilidades esportivas a fim de selecionar os alunos mais aptos para participarem das equipes representativas da escola. São os professores que foram — ou ainda são — atletas e se auto-valorizam pela obtenção de títulos em campeonatos esportivos com os seus alunos. Todo o seu planejamento é voltado para o esporte. Eles dispõem as modalidades esportivas nos quatro bimestres ao longo do ano e trabalham com seqüências pedagógicas objetivando o ensino de habilidades esportivas.

Outros professores se colocaram como educadores ao invés de técnicos esportivos, e fizeram ressalvas ao uso seletivo do esporte nas aulas de Educação Física. Afirmaram que nas suas aulas todos os alunos realizam as mesmas atividades, que quem sabe mais tem que en-

sinar os que sabem menos e que sua meta não é a formação de equipes. Estas ressalvas, porém, não os fazem ministrar aulas não esportivas. Eles afirmaram que os alunos só se motivam com bola e acabam dividindo também o ano letivo em modalidades esportivas. Criticar o esporte e fazer ressalvas em relação a ele é uma forma destes professores, embora pela negação, reconhecerem-no como o principal conteúdo das aulas de Educação Física. E, assim, ao criticarem o esporte, acabam, de modo implícito, manifestando valores próprios dele, como a busca da melhoria técnica ou o rendimento. A própria forma como dizem lidar com os menos habilidosos é denunciadora do padrão tecnicista. Estes alunos são detectados em função de quão defasados estão em relação às técnicas esportivas e o "tratamento" se dá no sentido de fazê-los chegar a um nível mínimo de prática das habilidades motoras próprias de uma modalidade esportiva.

Perguntados sobre o quê os alunos aprendem das suas aulas, os professores se referiram a um conteúdo biológico a respeito do corpo, como fortalecimento muscular, preparo físico, visando a maneira correta do corpo se dispor no mundo. Os professores foram unânimes em falar que ensinam aos alunos, em última instância, regras sociais através do esporte, tais como, saber vencer, saber perder, cumprir horários, ter respeito pelo companheiro e pelo adversário, esperar a sua vez, relacionar-se em grupo. Através do esporte, os professores estariam ensinando e exigindo dos alunos a prática de regras coletivas, que se manifestam de forma evidente nas atividades esportivas.

Quando se reportaram ao ensino de regras sociais, os professores demonstraram dificuldades em falar da especificidade da Educação Física, já que todas as disciplinas escolares ensinam e exigem valores como respeito, cumprimento de horário e sociabilização. Questionados sobre os limites que distinguem a Educação Física das outras disciplinas, os professores se referiram à sua maior capacidade educativa, pela motivação que ela gera nos alunos. O elevado grau de importância atribuído à Educação Física pelos professores é diretamente proporcional à sua falta de especificidade dentro da grade curricular, como se ela fosse indistinguível e valorizada pelo que ela não é, em termos de uma disciplina específica que compõe o currículo escolar. No discurso dos professores, ela seria tão importante e tão útil que não seria possível pensar na sua especificidade, sob pena de se perder sua função global na escola. A falta de especificidade e de identidade da Educação Física, que deveria ser vista como um problema da disciplina e do próprio sistema escolar que a inclui, é representada pelos professores como uma virtude. Como ela não ensina nada de modo específico, pode ensinar tudo globalmente.

As definições que os professores deram de Educação Física ilustram a dificuldade apresentada em identi-

ficá-la como disciplina no contexto escolar. Alguns professores se referiram a ela como um espaço de lazer. Outros deram uma definição totalizadora, ampla demais, e colocaram a Educação Física como englobando tudo o que se faz na escola, porque tudo o que ela ensina pode ser aplicado em outras situações da vida. Algumas definições se referiram à Educação Física atribuindo-lhe uma certa função "salvadora" em relação à escola. Ela seria a responsável por tornar a escola mais agradável para a criança, gerando prazer e assumindo para si uma preocupação que tem sido discutida em âmbitos maiores. Vários professores lembram também como função da Educação Física auxiliar o desenvolvimento de crianças tímidas e retraídas, dando a elas condições de enfrentar com segurança a vida futura.

Assim, o trabalho dos professores de Educação Física está ancorado num conjunto de representações sobre a própria área que extrapola as opiniões do grupo, perpassando toda a instituição educacional. É a lógica subjacente a estas representações que iremos em seguida procurar demonstrar, através da construção social do corpo que através delas se revela.

DO CORPO MATÉRIA-PRIMA AO CORPO CIDADÃO

Se é verdade que o homem só existe enquanto natureza e cultura, indissociavelmente unidas e explícitas no corpo, é possível afirmar que qualquer prática que se realize com, sobre e através do corpo só se torna compreensível na medida em que explicitar uma certa concepção acerca da relação entre estes dois aspectos. Esta concepção, enquanto produto da cultura, varia ao longo do tempo e de uma sociedade para outra. Compreende-se, assim, que a própria idéia de uma Educação Física é uma construção social, tal como a noção de corpo que ela difunde através de seus profissionais. Em outras palavras, um trabalho com o corpo, de Educação Física ou não, que se preocupe somente com a dimensão fisiológica que esse corpo inegavelmente possui, estaria desconsiderando que esta constituição orgânica, sendo a de um corpo humano, pode se expressar, em termos de sentido, de formas absolutamente diferentes em grupos diversos. Sendo o objetivo desta pesquisa justamente compreender as representações dos professores da área sobre sua prática profissional, procuramos analisá-la buscando decifrar a forma como eles constroem, enquanto membros de uma dada sociedade e nos termos de sua cultura, a noção de corpo que sustenta esta prática. A forma como os professores entendem e traduzem estas noções influencia no tipo de aula que ministram, no delineamento dos seus objetivos, na sua postura perante os alunos e na

forma como utilizam as técnicas corporais na sua rotina de aulas, constituindo assim como que um fio invisível que costura, por uma lógica própria, sua experiência de mundo e, portanto, sua concepção acerca de sua prática enquanto profissionais.

O dado mais relevante que foi possível depreender das entrevistas, e que parece ser a própria base da atuação profissional do grupo, é que os professores procuram realizar, ao trabalharem através dos corpos de seus alunos, uma tarefa que, no plano simbólico em que se estruturam suas representações a respeito de sua prática, aparece como uma mediação entre a ordem da natureza e a ordem da sociedade (Levi-Strauss, 1976). No primeiro plano, entendem o corpo como matéria-prima sobre a qual vão impor seus objetivos e seus métodos de ensino. Situando-o na ordem da natureza, os professores pressupõem um corpo natural, isto é, livre, despojado de técnicas. É a mesma imagem do seu corpo infantil que estes profissionais projetam sobre o corpo dos seus alunos. Tomando-o como um dado da natureza, devem, portanto trabalhar sobre este corpo para conduzi-lo à ordem social. Neste plano, entendem o corpo como aprendiz de comportamentos sociais, de atitudes necessárias para uma vida melhor; entendem o corpo como base do aprendizado e prática de regras sociais, por parte do aluno, futuro cidadão.

Esta passagem simbólica da ordem da natureza para a ordem social é realizada, na representação dos professores, através da imposição de técnicas sobre o corpo, destacando-se entre estas as técnicas esportivas. Ao considerarem os movimentos corporais das crianças como não técnicos, os professores entendem estes corpos como desprovidos de cultura, fazendo parte da ordem da natureza, podendo, então, justificar a atuação da Educação Física no sentido de contribuir para a formação do cidadão, ou seja, aquele indivíduo que deve possuir um repertório corporal adequado à vida em sociedade.

Pensando o corpo como perfeição da técnica, chega-se à idéia de corpo eficiente, no sentido de cumprir as regras sociais e, assim, contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, estará sendo criado um homem brasileiro, que será intelectual, moral e fisicamente melhor, tal como se pretendia no final do século passado ou durante o período do Estado Novo. Entretanto, ao invés de qualificar a mão-de-obra ou preparar o indivíduo para a defesa da Pátria, a Educação Física atual pretende aprimorar o corpo, levando-o à perfeição da técnica, para, através dele, alcançar um tipo de eficiência característica da sociedade capitalista, tida como base do potencial da nação e da construção de seus cidadãos.

Entretanto, cabe ainda investigar os motivos que fazem com que os profissionais de Educação Física na

escola se mostrem resistentes às críticas e novas propostas que vêm sendo feitas já há uma década, mantendo uma prática cujo referencial ainda é, primordialmente, biológico. Se, por um lado, existe um discurso dos professores que, em alguns momentos, é transformador e crítico, por outro lado, a lógica de sua prática ainda se mostra arraigada a determinados valores que poderiam ser considerados, precipitadamente, como superados. É dessa forma que a história da Educação Física no Brasil nos dá bases para entender como os professores reproduzem, no seu cotidiano, ideais e valores passados, como a higiene e a eugenia do final do século XIX, ou o militarismo nacionalista do Estado Novo, ou o modelo esportivo característico do recente governo militar. Porém, ao reproduzirem esses ideais passados, eles atualizam, na sua experiência presente, esses valores, atribuindo-lhes novos significados. A história da Educação Física no Brasil, para além de uma somatória de elementos responsáveis pela produção e reprodução de determinados comportamentos nos professores, foi influenciando na construção de um imaginário social referente ao corpo, que se expressam no conjunto das ações e representações dos profissionais da área até os dias de hoje. Em outros termos, existe uma lógica da prática desses profissionais, tradicional e eficaz, inscrita no seu corpo e, ainda, refratária a uma crítica que, unicamente baseada no discurso, possa torná-lo passível de alterações.

CONCLUSÃO

Apesar dos professores entrevistados se apresentarem com características individuais diferenciais, foi possível compreender a lógica que, no plano simbólico da cultura, ordena o trabalho de Educação Física dos seus profissionais na escola, perpassando as ações e representações não só de todos os professores entrevistados, mas também dos demais agentes da instituição escolar, confirmando, assim, a construção social tanto do seu conceito de corpo, como do seu próprio entendimento da área e de sua atuação profissional. Dessa forma, pode-se pensar que o universo simbólico que sustenta a ação desses professores, neste trabalho reconstruído, extrapola o âmbito do grupo considerado para atingir, com variações a serem investigadas por outras pesquisas, toda a área de Educação Física Escolar no Brasil.

Ao utilizar um referencial de análise antropológico, esta pesquisa pôde vislumbrar uma prática de Educação Física que considera o caráter cultural do corpo que através do qual trabalha, dos conteúdos que desenvolve, e também considerar os professores como atores sociais. Uma Educação Física que, emprestando da Antropologia o princípio da alteridade, permita considerar que to-

dos os alunos, independentemente de suas diferenças, são iguais no direito à sua prática. Porque os homens são iguais justamente na expressão de suas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. *Educação Física e sociedade*. São Paulo : Movimento, 1991.
- CARMO, A. A. Do. *Educação Física: crítica de uma formação acritica*. São Carlos : 1982. 184p. Dissertação (Mestrado) — Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas : Papyrus, 1988.
- CAVALLARO, G. A. *Planejamento e prática de ensino de professores de Educação Física em escolas públicas da cidade de São Paulo*. São Paulo, 1990. 68p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- COUINHO, A. G. *Educação Física: a prática da desigualdade*. São Paulo, 1988. 87p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- DAMATTA, R. O ofício de etnógrafo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, E. de O., org. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. In: *Ensaio de Opinião*, v.4, p.32-5, 1977.
- FARIA, M. F. de. *Competências básicas do professor que orienta as atividades de Educação Física no 1º segmento do 1º grau*. Rio de Janeiro, 1985. 115p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FERREIRA, V. L. C. *Prática da Educação Física no 1º grau*. São Paulo : Ibrasa, 1984.
- FIGUEIREDO, S. L. da C. *Estudo crítico sobre a participação do professor de Educação Física no conselho de classe das escolas oficiais do primeiro grau do município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1988. 147p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GALLARDO, J. S. P. *Preparação profissional em Educação Física: um estudo dos currículos das escolas de Educação Física do Estado de São Paulo e sua relação com a Educação Física na pré-escola e quatro primeiras séries do ensino de primeiro grau*. São

- Paulo, 1988. 146p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.
- KUPER, A. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1978.
- LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- LEVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis : Vozes, 1976.
- MACEDO, C. C. de. *A reprodução da desigualdade*. 2.ed., São Paulo : Vértice, 1985.
- MOREIRA, W. W. *A ação do professor de Educação Física na escola: uma abordagem fenomenológica*. Campinas, 1990. 210p. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- PIRES, G. de L. *Educação Física escolar: concepções e prática pedagógica*. Santa Maria, 1990. 166p. Dissertação (Mestrado) Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria.
- SANTOS, P. R. *Competências didáticas básicas do professor de Educação Física a nível do 2º segmento de 1º grau*. Rio de Janeiro, 1984. 97p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade do Rio de Janeiro.
- SOARES, C. L. *O pensamento médico-higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930*. São Paulo, 1990. 247p. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

*UNITERMS: Physical Education at School,
Anthropology.*

ABSTRACT: The research objective was to analyze the word of Physical Education school teachers in order to understand, at culture's symbolic level, the logic that orders their system of representations of the body and supports their professional practice. For this reason Anthropology was used as a methodological reference, considering Physical Education teachers as social agents who act upon and through their students bodies.
